



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

BARBARA INGRID SANTOS DA SILVA

**EDUCAÇÃO EM TEMPO DE COVID-19: “SABE LÁ O  
QUE É NÃO TER E TER QUE TER PRÁ DAR?”.**

RECIFE  
2021.

BARBARA INGRID SANTOS DA SILVA

**EDUCAÇÃO EM TEMPO DE COVID-19: “SABE LÁ O QUE É NÃO TER E  
TER QUE TER PRÁ DAR?”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de Licenciada em História.

Orientadora: Profa. Dra. Rozélia Bezerra

DEHIST/UFRPE

Recife

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Sistema Integrado de Bibliotecas  
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

S586e

Silva, Bárbara

Educação em tempo de COVID-19: Sabe lá o que é não ter e ter que ter para dar." / Bárbara Silva. - 2021.  
30 f.

Orientadora: Rozelia Bezerra.  
Inclui referências e anexo(s).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em História,  
Recife, 2023.

1. Educação. 2. Ensino. 3. Pandemia. 4. Experiência. I. Bezerra, Rozelia, orient. II. Título

CDD 909

---



**CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**FOLHA DE APROVAÇÃO DE TCC**

**BÁRBARA INGRID SANTOS DA SILVA**

**EDUCAÇÃO EM TEMPO DE COVID-19: “SABE LÁ O QUE  
É NÃO TER E TER QUE TER PRÁ DAR?”.**

Trabalho de conclusão de curso aprovado como requisito para conclusão da disciplina de TCC II (Cód. 04803), pela seguinte banca examinadora:

Orientador: \_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Rozélia Bezerra – DEHIST/UFRPE.

Membro: \_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Jeannie Menezes – DEHIST/UFRPE

Membro: \_\_\_\_\_  
Profa. Pâmela Camelo – Escola de Referência do Ensino Médio Dom Bosco – Recife/PE

Recife, 15 de dezembro de 2021.

## Epígrafe

Só eu sei  
As esquinas por que passei  
Só eu sei só eu sei  
Sabe lá o que é não ter e ter que ter pra dar  
Sabe lá  
Sabe lá

E quem será  
Nos arredores do amor  
Que vai saber reparar  
Que o dia nasceu  
Só eu sei  
Os desertos que atravessei  
Só eu sei  
Só eu sei

Sabe lá  
O que é morrer de sede em frente ao mar  
Sabe lá  
Sabe lá  
E quem será  
Na correnteza do amor que vai saber se guiar  
A nave em breve ao vento vaga de leve e traz  
Toda a paz que um dia o desejo levou

Só eu sei  
As esquinas por que passei  
Só eu sei  
Só eu sei  
E quem será  
(Djavan)

## **Apresentação Geral**

Este Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História foi desenvolvido como Artigo, devido à possibilidade de escolha desse formato para a apresentação do trabalho de conclusão (TCC).

A escolha do periódico Revista Mosaico – Revista de História da PUC de Goiânia/GO se prendeu ao fato de ser um periódico do campo da História, além de aceitar Artigos Científicos de alunos de graduação que tenham a coautoria do Orientador, desde que seja um professor Doutor.

A escrita do Artigo Científico foi individual, mas contou com a estreita colaboração da Orientadora, notadamente no tocante à revisão sobre a Covid-19, por se tratar de História das Doenças, campo de pesquisa da professora Rozélia. Some-se o fato legal que as Normas do TCC de História, em seu Artigo 22 estabelece que “Na apresentação da modalidade artigo científico, discente e orientador escrevam uma proposta segundo uma Revista qualificada pela CAPES, anexando as normas do periódico escolhido”.

Primeiro, se pensou em se fazer uma Escrita de Si, narrando sobre as “esquinas que atravessei” para chegar ao Curso de de Licenciatura em História. De fato, cheguei, mesmo, a escrever essas memórias. Depois, houve uma reflexão e vimos que se enveredasse por esse caminho não teríamos como atender à demanda das Orientações Aos Autores, do periódico escolhido como modelo. Então, após reflexões mútuas, a escolha do tema, Ensino de História em tempos de Covid-19, e objeto de pesquisa, Estudo de Caso – uma análise do Curso Pré-vestibular da UPE – PREVUPE, se deu por diferente motivos: História da Educação, em tempos de Covid-19, campo de pesquisa do Doutorado da Orientadora deste trabalho, porque existe o chamamento aos Historiadores e Historiadoras para pensarem sobre o tempo presente e refletirem sobre a pandemia de Covid-19 e seus aspectos históricos e sociais. Além disso, se justifica pela inquietação sentida durante minha prática docente como Tutora em um Curso de Pré-Vestibular, oferecido pela Universidade de Pernambuco a estudantes de diferentes condições sociais e origens.

Para que conseguisse tudo isso, elaboramos o Artigo Científico, cujo título **EDUCAÇÃO EM TEMPO DE COVID-19**, tentou englobar o Objetivo Geral da pesquisa e o subtítulo **“SABE LÁ O QUE É NÃO TER E TER QUE TER PRÁ DAR?”** contempla todos os Objetivos Específicos a fim de pensarmos sobre aspectos

sociais, culturais, políticos e econômicos do ensino remoto. A escolha, incidental, da música do compositor Djavan foi porque vimos que seus versos dialogam com o sentimento despertado durante a prática docente, minha e da orientadora deste artigo e TCC e a minha experiência discente nas disciplinas da Licenciatura em História, tão logo teve início o ensino remoto, decretado pela pandemia de Covid-19.

Esperamos que tenham uma leitura prazerosa.

# **EDUCAÇÃO EM TEMPO DE COVID-19: “SABE LÁ O QUE É NÃO TER E TER QUE TER PRÁ DAR?”.**

Barbara Ingrid Santos da Silva

## **Resumo**

Este trabalho buscou atender as exigências parciais para a conclusão da graduação em História, mostrar alguns impactos da pandemia de Covid-19 na Educação e refletir sobre as expectativas e frustrações criadas com o modo remoto de ensinar. Por isto o subtítulo-problema: “Sabe lá o que não e ter que ter pra dar?”. Para a realização da pesquisa, escolheu-se trabalhar com um Estudo de Caso (ANDRÉ, 2021). O objeto de análise foi o curso preparatório para o ENEM, oferecido pela Universidade de Pernambuco. O recorte temporal foi segundo semestre de 2021, ano dois da pandemia de Covid-19. Observou-se que, mesmo com o aparato tecnológico disponibilizado pela UPE, a frequência às aulas de História e Filosofia, teve baixíssima participação. Segundo os estudos, a dificuldade de acesso à internet constitui a principal causa dessa ausência.

Palavras-chave: Pré-vestibular; Ensino remoto; Absenteísmo

## **Abstract**

### **EDUCATION IN THE TIME OF COVID-19: "DO YOU KNOW WHAT IT IS NOT HAVE AND HAVE TO HAVE TO GIVE IT?"**

This work sought to meet the partial requirements for completing a degree in History, show some impacts of the Covid-19 pandemic on Education and reflect on the expectations and frustrations created with the remote way of teaching. Hence the subtitle-problem: “Who knows what not and having to give it?”. To carry out the research, we chose to work with a Case Study (ANDRÉ, 2021). The object of analysis was the preparatory course for ENEM, offered by the University of Pernambuco. The time frame was the second half of 2021, year two of the Covid-19 pandemic. It was observed that, even with the technological apparatus made available by the UPE, attendance to History and Philosophy classes had very low participation. According to studies, the difficulty of accessing the internet is the main cause of this absence.

**Keywords: Pre-university entrance exam; Remote teaching; absenteeism**

## **1 À SOMBRA DE UMA PANDEMIA: QUEM VAI SABER REPARAR?**

Durante o ano de 2020 o mundo parou e, parece, mudou. O fenômeno responsável por isto? Uma doença que começou gradativamente e em um determinado *locus* do planeta terra, inicialmente de forma isolada em um surto epidêmico. De repente saiu de controle e tomou proporções globais. Tudo começou em dezembro de 2019 e o epicentro da doença era, ou parecia ser, uma aldeia central da China. Até então tudo parecia estar restrito a um foco da enfermidade, mas logo em seguida saiu de controle das autoridades de Saúde Pública e tomou proporções geográficas muito

maiores. Ao perceber a gravidade do momento, o número de doentes e a larga distribuição geográfica, a Organização Mundial de Saúde, em 30 de janeiro de 2020, estabeleceu que a nova enfermidade

constituía uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional...a mais elevada situação de alerta da OMS, prevista em seu Regulamento Sanitário Internacional (BEZERRA, 2021, p.333).

Com isso, dava-se, ao mundo, a notícia da ocorrência de uma enfermidade que recebeu o nome de Covid-19, pelo fato de ser causada por um Coronavírus, cuja cepa “não era conhecida das autoridades sanitárias e foi chamada de SARS-Cov-2” (BEZERRA, *ibidem*) porque diferia das outras coronaviruses humanas. Porém, e mesmo com esse grito de alerta internacional, no Brasil o Carnaval ocorreu do mesmo modo e brincou-se a folia de Momo, como se fosse o último carnaval de nossas vidas. Entre os dias 22 a 25 de fevereiro de 2020, as festas momescas ocorreram de maneira desbragada, como se fosse a última festa que se desfrutaria. Passada a folia, a jornalista Isabela Veríssimo, no jornal G1/PE, em reportagem do dia 27 de fevereiro de 2020, chamou a atenção para o fato de que o “Carnaval 2020 em Olinda atrai 3,6 milhões de foliões, diz prefeitura”. O título da matéria não dava o prenúncio do mal que se avizinhava. No corpo do texto, o que se leu foi uma euforia que, de algum modo, reparava o sucesso das festas momescas

**Número de brincantes na cidade aumentou em 200 mil em relação à festa em 2019.** Folia movimentou R\$ 295 milhões e município recebeu 400 mil turistas estrangeiro (VERÍSSIMO, 2020, n.p, negrito de nossa autoria).

Bem que essa jornalista falou de doença, mas aquelas conhecidas da população. Sim, sua reportagem trazia uma abordagem sobre “Saúde”, onde se falou da existência e uso dos testes rápidos para detecção de anticorpos antissifilís e antihiv<sup>1</sup> e a possibilidade

---

<sup>1</sup> Escreveu-se em letras minúsculas para retirar a carga preconceituosa que acompanha tudo que se refira à Síndrome da Imunodeficiência Adquirida e seu agente etiológico, um vírus que causa a imunodeficiência humana.

de atendimentos emergenciais a outros agravos à saúde, como as bebedeiras típicas dessa festividade. A única mudança observada, e digna de nota jornalística, foi sobre a criação de “um posto avançado de Serviço de Atendimento Médico de Urgência (Samu) na saída do desfile do Homem da Meia-Noite, no Bonsucesso”. Mesmo com os noticiários falando da nova epidemia de Coronavírus, não houve uma palavra, sequer, sobre a pandemia de Covid-19, sobre o mal que veio de longe, trazido por turistas e outros viajantes. Nada se dizia sobre o risco de adoecimento decorrente da aglomeração de pessoas vindas não se sabe de onde. E, como se fosse preciso comprovar o sucesso, retumbante, dessa aglomeração desenfreada de pessoas festejando todos os deuses e deusas do panteão pagão, a reportagem estava ilustrada com uma foto capturada por Marlon Costa/Pernambuco Press, mostrando o quartel general do frevo em Olinda: a rua em frente à Prefeitura de Olinda, repleta de pessoas festejando a deuses invisíveis, ao som de sabe-se lá que música. Seria o frevo “Vassourinhas” ou seria o hino da Escola de Samba Pitombeiras dos Quatro Cantos, de Olinda?



Figura 1: Carnaval de Olinda/PE, 2020, Ano 1 da pandemia de Covid-19. Imagem disponível em: <https://pe.pernambuco/carnaval/2020/noticia/2020/02/27/carnaval-2020-em-olinda-atrai-36-milhoes-de-folhoes.ghtml>. Data de acesso: 03 de dezembro de 2021.

## 2 EXÍLIO DO MUNDO: QUEM TEM MEDO DA COVID-19?

Depois dos festejos carnavalescos e das férias, dava-se início aos registros públicos da ocorrência dos primeiros casos, suspeitos ou diagnosticados, daquela

doença que, de tão nova, o computador não reconhecia seu nome, Covid-19, nem o nome do vírus associado à sua etiologia: Coronavírus.

Em Pernambuco, era realizado o registro oficial e o anúncio da ocorrência daquela doença exótica e emergencial, ainda nos primeiros dias do mês de março de 2020 (CIEVS, 2020). No estado do Rio de Janeiro, também no mês de março de 2020, surgia a primeira vítima fatal: uma mulher de 63 anos que trabalhava como empregada doméstica na casa de uma pessoa que havia chegado da Itália, já com os sinais da Covid-19, mas não disse nada à mulher, que continuou indo ao trabalho. Na cidade de São Paulo, em 17 de março de 2020, houve o primeiro registro da morte de um homem que fora internado em um hospital privado.

Ainda não se sabia que esta era, apenas, a ponta de um iceberg dos horrores relacionados ao controle da pandemia de Covid-19, no Brasil. De fato porque, ao longo do ano de 2020, fomos ouvindo o discurso presidencial, alardeado desde o curralzinho do Palácio da Alvorada, onde ficavam os adeptos do bolsonarismo. A população brasileira se viu às voltas com diferentes declarações, denominações e expressões formuladas pelo Presidente da República, sobre essa enfermidade, que se mostrou devastadora. Foram ouvidas coisas como “Superdimensionado, Gripezinha, Vamos todos morrer um dia, cobre de seu governador, Não precisa entrar em pânico” (BBC NEWS/BRASIL, 2020, n.p). Ou coisas como: “Histeria”; “Guerra ao vírus”; “ Um bando de Maricas”; “Virar Jacaré” “E daí?”; “Sou Messias mas não faço milagres”; “Não sou coveiro”; “Um dia, todos vamos morrer” (OLÍVIA, 2021, n.p). E a mais recente pérola foi esta: “Quem tomar todas as doses da vacina pegará AIDS mais cedo”. Todas essas metáforas foram ditas pela mesma pessoa: Jair Messias Bolsonaro. Ainda bem que, todas essas e outras tantas mais caíram na malha fina da Comissão Parlamentar de Inquérito, criada para averiguar o controle e a condução da gestão da pandemia de Covid-19, no Brasil.

Os resultados de meses de trabalho investigatório vieram ao conhecimento do público no dia 26 de outubro de 2021. Nesta ocasião, o Senado Federal, através da Comissão Parlamentar de Inquérito, instituída para investigar a pandemia de Covid-19, apresentou o Relatório Final de seu trabalho de averiguação e investigação sobre a gestão do surto epidêmico. Ele desnudou os horrores escondidos por trás das máscaras de médicos que, em conluio com os monstros do poder executivo, levaram à disseminação da doença e à letalidade das pessoas afetadas pela doença, inclusive,

revelando que esses fatores da cadeia epidemiológica da doença poderiam ter sido reduzidos, a menos da metade, se os donos do poder executivo, os órgãos das políticas públicas de saúde e do biopoder, tivessem elaborado e executado uma Política Nacional de Controle da Pandemia de Covid-19, em vez de terem estipulado que a vida de cada pessoa estaria vinculada ao valor de um dólar a mais, por dose de vacina. Sim, o que o Relatório fez foi dissecar as veias por onde corria a podridão dos gestores da pandemia e, ao lê-lo, o que se viu foram aberrações declaradas pelo presidente da República, senhor Jair Messias Bolsonaro, ora tripudiando do sofrimento alheio, ora mentindo, tudo sob a batuta de um Ministério da Saúde, que funcionava em paralelo ao oficial, ajudado pelas mentiras criadas e disseminadas a partir do Gabinete do Ódio, gerido por “Carlos Bolsonaro” (SENADO FEDERAL, 2021, p.667-668). Não à toa, a Comissão Parlamentar de Inquérito, ao fim de seu trabalho, concluiu com essas palavras melancólicas

... por revelar à população brasileira fatos que jamais teriam vindo à luz sem o trabalho da CPI da Pandemia, **para que nunca nos esqueçamos do que aconteceu neste País e dos inocentes que pagaram com sua vida pela conduta irresponsável do governo federal na condução da pandemia.** Nós nunca esqueceremos (SENADO DO BRASIL, 2021, p. 1287, negrito é de nossa autoria).

O mais incrível é que essas aberrações ocorreram após a promulgação de legislação federal para o controle da Covid-19, como a **Lei 13.979**, de 6 de fevereiro de 2020, declarando a Covid-19 como uma emergência de saúde pública de importância internacional, além do **Decreto Legislativo 6**, de 20 de março de 2020, que reconhece estado de calamidade pública, com efeitos até 31 de dezembro de 2020, e, nos termos do art. 1.º, § 2.º, da **Lei 13.979/2020** (CONSÓRCIO NORDESTE, 2020).

Com um cenário desses, só era possível esperar o pior dos mundos, portanto era necessária uma ação emergencial e rápida. Embora pensando globalmente, era necessário agir localmente. Assumindo a dianteira nas ações de controle, os governadores dos nove estados do Nordeste brasileiro, através do “Consórcio Nordeste”, instância de governança criada desde 2019, instituiu a criação de um Comitê

Científico, cuja finalidade maior foi de estabelecer diferentes medidas para controlar a pandemia. E foi nessa tópica que o referido Consórcio se viu na instância de

... promover diversas ações voltadas ao combate da pandemia. De modo a reforçar a adoção de medidas de combate à pandemia... para a prevenção, o controle e a contenção de riscos, danos e agravos à saúde pública, a fim de evitar a disseminação da doença e a estruturação do sistema de saúde para o atendimento da população (CONSÓRCIO NORDESTE, 2020).

O Artigo 3º da **Lei 13.979**, de 6 de fevereiro de 2020, estabeleceu, como medidas de controle a aplicação de medidas de Isolamento e Quarentena. Seguindo a legislação federal, o Estado de Pernambuco, em 14 de março de 2020, promulgou o Decreto no. 48.809, com as medidas temporárias para o combate e controle ao Coronavírus, estabelecendo o isolamento e a quarentena (BEZERRA, 2021).

Diante disso, pergunta-se: quais os desdobramentos dessas medidas restritivas ao deslocamento das pessoas?

No campo da educação, as escolas foram fechadas e as formas do trabalhar docente sofreram variações. Fizemos de nossas casas nossos refúgios. O filósofo brasileiro Pedro Duarte (2020) chamou de “Exílio do mundo”. Surgia, assim, um período de quarentena, que outros chamaram de “isolamento social”. Enfim, as autoridades de saúde observaram que a forma de conter o avanço da doença, entre a população, era a permanência em casa. Inicialmente, este período seria de 15 dias. Porém, levamos quase dois anos seguindo protocolos sanitários e nos protegendo, até o momento atual.

A COVID-19 é, ainda, uma doença misteriosa, que desafia médicos e pesquisadores cotidianamente, alterou as formas que vemos o mundo. De um cotidiano de tantas idas e vindas, abraços e encontros, paramos. Entramos em um estado de resguardo, esperamos até tudo melhorar. Mas o mundo não parou, porque a vida precisava continuar e com essa necessidade nos adaptamos, de dentro de nossas casas buscávamos soluções para dar continuidade às nossas vidas. Muitas dessas situações

foram narradas através da literatura. Talvez, a Covid-19 tenha sido a doença mais registrada na literatura. Por exemplo, no livro “Retratos da vida em quarentena”, temos 19 relatos de várias situações pessoais vividas e, talvez o que se aproxima mais da primeira morte ocorrida no Rio de Janeiro em março de 2020, seja o conto intitulado “Marluce”, da autoria de Humberto Conzo Júnior, no qual ele narrou a história da empregada doméstica que, por ser obrigada a ficar em casa dos patrões, foi contaminada pela Covid-19. Em dez dias o patrão, que foi tratado por Marluce, se recuperou. Dois dias depois, Marluce apresentou os sintomas e no quarto dia, teve uma parada cardíaca e morre, deixando cinco crianças órfãs. Diagnóstico: Covid-19. O caixão foi lacrado.

Em fins de 2019, o mundo começaria a ser envolvidos pelos longos braços da pandemia de Covid-19, doença que desafiou historiadores e historiadoras a escreverem sobre o tempo presente e a refletirem sobre a História pública e o ofício do historiador (BATISTA, 2021). Assim, é que me propus a fazer um Relato de Caso, ao mesmo tempo em que me proponho a fazer uma breve análise sobre o impacto da Covid-19 na educação, notadamente durante minha experiência docente em um curso Pré-vestibular, oferecido pela Universidade de Pernambuco, a fim de pensarmos sobre o que se exige de professores e estudantes, durante as aulas remotas. Por isto o título “Educação em tempos de Covid-19”, vem acompanhado de uma questão: “Sabe lá o que é não ter e ter que ter pra dar”?

## 2.1 O “CORONACHOQUE” NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Para efeito desse trabalho adotou-se o termo “Coronachoque” para fazer referência “à forma como o Covid-19 atingiu o mundo com uma força avassaladora, revelando a incapacidade de o Estado burguês evitar uma catástrofe sanitária e social” (INSTITUTO TRICONTINENTAL DE PESQUISA SOCIAL, 2021, p.3). Segundo essa mesma fonte (op.cit. p.5) a Covid-19 afetou a educação brasileira em diferentes perspectivas, porque facilitou a “atuação das corporações privadas”, provocou “mudanças no modelo de educação”, trouxe “consequências para os trabalhadores do setor” e representou um “desafio de programa de luta”.

A UNESCO (2020) já havia falado sobre a crise desencadeada pela pandemia de Covid-19, alertando para o possível encerramento das aulas, tanto em escolas quanto nas universidades. Quando isto aconteceu, mais de 90% dos estudantes do mundo foram afetados.

Do mesmo modo que o campo da saúde se viu jogado às traças e à má sorte do gestor federal, o campo da Educação se viu às voltas com o debate sobre sua sustentabilidade, permanência e modos de ensinar e aprender. E isso se passou todos os níveis de ensino: tanto no ensino básico, ensino médio, quanto no ensino superior e cursos técnicos. Com o reconhecimento da pandemia de Covid-19, as medidas preventivas tomadas exigiram que as escolas fossem fechadas, a fim de contribuir com o isolamento e a quarentena necessária ao controle da doença. E foi assim que, em 14 de março de 2020, Paulo Câmara, governador de Pernambuco emitiu o Decreto no. 48.809, com todas as medidas sanitárias a serem adotadas. (BEZERRA, 2021).

Com o passar dos tempos, começaram as exigências de retorno às aulas. Fazia-se perguntas do tipo: como o ensino chegará até os discentes? Que ferramentas utilizar? Como fornecer o acesso a esses alunos? Começava-se a falar em ensino remoto e ensino híbrido. Diferente do Ensino a Distância (EAD), o ensino remoto emergencial se apresentou como uma forma de levar o ensino e a aprendizagem até os discentes, nesse momento caótico que o mundo experimentava em 2020. Professores e gestão pedagógica foram pegos de surpresa e se viram questionando: como mudar a escola presencial para o campo virtual?

Para as autoras Érika Dias e Fátima Pinto

A Educação a distância (EaD) não pode ser a única solução, esta metodologia tende a exacerbar as desigualdades já existentes, que são parcialmente niveladas nos ambientes escolares, simplesmente, porque nem todos possuem o equipamento necessário. Se a meta for investir apenas em ferramentas digitais, certamente, contribuiremos para uma piora na aprendizagem dos alunos a curto e a médio prazos (DIAS; PINTO, 2020, p.546)

Assim, é possível introduzir o estudo sobre o Coronachoque a fim de pensar nas “consequências para os trabalhadores do setor”, conforme foi apontado pelo Instituto Tricontinental de Investigação (2021, p.5). Os professores e as professoras, logo no início da pandemia, se viram assustados com tanta demanda e, ao mesmo tempo, alguns passaram por formações a fim de aprenderem a utilizar as Tecnologias da Informação e

Comunicação as, também, chamadas de TIC's. De repente, as “corporações privadas” (INSTITUTO TRICONTINENTAL, 2021 ,p.5) ) passaram a vender seus cursos e pacotes de formação continuada de professores. A partir do que, e de repente, passaram a fazer parte do cotidiano docente o uso de aparelhos eletrônicos, tais como os “tablets”, computadores, “smartphones”, internet banda larga, e todo um novo vocabulário que, antes, parecia fora do campo docente: serviços de “streaming”, “google meet”, “classroom”, “web cam” “webnários”, “live”, entre outras. Essas ferramentas foram duas faces da mesma moeda: ao mesmo tempo em que, atraem a atenção dos estudantes e alguns docentes, assustou a muitos. Acentuou diferenças sociais já sabidas porque pré-existentes e aprofundadas. Quando falamos em usar a tecnologia, no campo da educação, precisamos analisar alguns cenários, principalmente uma atenção especial aos docentes e discentes. Sabemos da heterogeneidade dos alunos e professores, que são de diferentes idades, condições econômicas e sociais, então, não se deve esperar que todos assimilem e aprendam, da mesma forma, a utilizar das TIC's. Agora a sala de aula, quando acessada, não se resumiria mais ao espaço dentro da comunidade escolar. Ela se ampliava, chegava até as salas das casas, escritórios e até mesmo aos quartos dos estudantes, lugares diferentes onde realizavam suas atividades escolares e assistiam às aulas. Dá para se pensar juntamente com os diferentes pesquisadores e perguntar: “Sala de aula: que espaço é esse”? isto é, o mesmo questionamento feito por Regis Morais (1999).

Porém, o que parecia não representar um campo de disputas, se transformou em “desafio de um campo de luta” (INSTITUTO TRICONTINENTAL, ibidem). Da noite para o dia, professores e professora precisaram se reinventar, devido á situação emergencial e, assim, aprenderem a utilizar as diferentes ferramentas pedagógica, além de terem de buscar maneiras de se aproximar de seus estudantes, mesmo que fosse por uma via remota. Entraram em cena os institutos privados e as fundações com nomes de empresários querendo a hegemonia de variados tipos de ensino remoto e suas tecnologias e métodos que só colaboram para aprofundar fossos sociais

## 2.2 O CORONACHOQUE NO CURSO DE PRÉVESTIBULAR DA UPE: SABE LÁ O QUE É NÃO TER E TER QUE TER PRA DAR?

Dando continuidade ao relato de minha experiência docente, ainda como graduanda em História, fiz uma breve incursão trabalhista como docente em escola da rede privada, até perder o trabalho em virtude dos cortes econômicos, deflagrados pelo

Coronachoque que se difundiu e chegou à escola de bairro, na qual era professora. A partir de então, teve início outra experiência na docência de História. Desta feita foi uma chamada para atuar, durante o segundo semestre de 2021, como Tutora, no campo do ensino de História e da Filosofia, em um projeto de Extensão da Universidade de Pernambuco, em parceria com Secretaria de Educação e Esportes do governo de Pernambuco. Em virtude disto, e para atender à demanda de conclusão da Licenciatura em História, elaborando o Trabalho de Conclusão de Curso, me propus a fazer um Estudo de Caso. Este tipo de pesquisa, segundo Marli André (2001, p.30) “aparece há muitos anos nos livros de metodologia da pesquisa educacional...é o estudo descritivo seja uma escola, um professor, um aluno ou uma sala de aula”. Ao mesmo tempo em que me proponho a fazer uma breve análise sobre o impacto da Covid-19 sobre o ensino e suas técnicas, a fim de pensarmos sobre o que se exige de professores e estudantes, durante as aulas remotas. Para isto farei uma narrativa e uma análise de minha experiência docente em um curso Pré-vestibular, oferecido pela Universidade de Pernambuco, durante o segundo semestre de 201. Escolheu-se para falar sobre as técnicas de ensino porque elas sugerem

Tecnicismo, e este tecnologia; por sua vez, esta se constitui associada ao desenvolvimento, e esta à modernização; alguns deles lembram capitalismo, e este em nossos horizontes se agiganta como antônimo de progressita. Em tudo isso, há uma preocupação com a sociedade e com o homem que nela vive, ou seja, tais conceitos têm uma significação concreta: a modernização, o desenvolvimento, a tecnologia, etc. que não podem ser destacados do *para quê* e a *quem* servem. (ARAÚJO, 2001, p.12, itálico do original)

Pensando no *para que* e a *quem* serve, citados anteriormente é que se escolheu estudar “Educação em tempos de Covid-19”, acompanhada de uma questão: “Sabe lá o que é não ter e ter que ter pra dar”? Porque como disse Boaventura de Sousa Santos (2021, p.103) “esse vírus não só reflete, como aprofunda as desigualdades e as discriminações que vigoram nas sociedades contemporâneas”.

Portanto, objeto escolhido para estudo foi a sala de aula de História do Curso Preparatório para o Vestibular da Universidade de Pernambuco, doravante denominado de PREVUPE, em sua versão do ano de 2021, no polo Recife. E por que isto? Entre outras coisas é porque a Covid-19 é uma doença que desafiou historiadores e historiadoras a escreverem sobre o tempo presente e a refletirem sobre a História pública e o ofício do historiador (BATISTA, 2021). E, como se isso não bastasse para nossa justificativa, é preciso compreender que a “pandemia não é apenas viral mas também digital.”. Desse modo, cabe fazer a avaliação da hegemonia digital no processo de ensino aprendizagem e seu impacto no acesso à informação e à democratização da educação. Será que, no mar dessa “pandemia digital” (CACHOPO, 2021, p.9) todos os estudantes têm a mesma oportunidade de acesso?

Depois disso tudo, vamos entender o que é o PREVUP. Para isto trago a definição contida no Edital do Processo Seletivo do Pré-vestibular da Universidade de Pernambuco - PREVUPE/2021. Segundo este documento, o curso é atividade de extensão universitária, que tem a missão de ampliar e fortalecer os conhecimentos escolares para estudantes do

3º ano e/ou egressos do Ensino Médio (EJA Médio, Travessia Médio e Normal Médio) das escolas da rede pública de ensino do Estado de Pernambuco, que pretendam participar de processos seletivos para o ingresso nas instituições públicas e particulares de ensino superior (EDITAL PREVUPE, 2021, n.p)

A citação a seguir será um tanto longa, mas é essencial para que se entenda a metodologia de trabalho e as propostas de funcionamento do nosso objeto de estudo. São alíneas do Edital PREVUPE (2021, n.p)

2.2 Em 2021, considerando os impactos da pandemia do coronavírus, a proposta do Curso preparatório será dar prioridade aos estudantes concluintes do ensino médio de 2021 e estudantes egressos do ano letivo de 2020. Vale ressaltar que este curso preparatório pré-vestibular tem sido oferecido desde 1999 no estado de Pernambuco, ampliando consecutivamente a quantidade de polos atendidos na rede;

2.3 A execução do PREVUPE dar-se-á em tempo específico e prazo determinado, com carga horária total 288h;

2.4 As aulas serão ofertadas aos sábados em horário integral, aos domingos pela manhã e quando houver necessidade no domingo à tarde. Haverá atividades assíncronas durante a semana.

2.5 As atividades do PREVUPE/2021 dar-se-á em duas fases: a) Fase Remota (50% da carga horária total do programa) - vivenciada totalmente no formato remoto, com atividades pedagógicas realizadas virtualmente com aulas síncronas e assíncronas;

Foram oferecidas mais de 11 mil vagas distribuídas em pontos dos municípios de Pernambuco. O Recife foi contemplado com quatro polos de ensino, perfazendo 1200 vagas assim distribuídas: Recife I - Boa Vista (400 vagas); Recife II – Casa Amarela (200 vagas); Recife III – Tejió (400 vagas) e Recife IV – Boa Viagem (200 vagas). Após minha seleção como Tutora do PREVUPE, fui lotada no polo Casa Amarela, cujo apoio físico ficou na Escola Estadual Dom Vital, localizada na Estrada do Arraial, s/n, Casa Amarela.

Após iniciar as atividades de Tutoria e mesmo sendo um ano de mudanças no cotidiano e dificuldades para todos, foi possível observar e observar aqueles estudantes que sonham com uma vaga em uma universidade pública, através de uma aprovação no ENEM.

Percebeu-se que as diferenças começam a surgir nos perfis pessoais, pois os estudantes são pessoas de diferentes idades. Algumas delas têm conhecimento de tecnologias digitais, enquanto outras não possuem a prática, principalmente do uso das novas ferramentas didáticas. A disparidade, em relação à idade dos estudantes, foi notável porque existem alunos muito jovens, ainda cursando o Ensino Médio, mas existem outros que participam de programas sociais do governo ou alunos que ainda estão cursando o Ensino Médio em diferentes escolas, pessoas que já concluíram este grau de estudo e estão em busca de uma graduação para se colocarem no mercado de trabalho, pessoas que estão em busca da segunda graduação, pessoas que se afastaram dos estudos há muitos anos e querem retornar, muitos em busca de seu sonho de fazer uma faculdade.

Nos primeiros meses de aula utilizamos o modelo, exclusivamente remoto. Todas as aulas eram realizadas através do *Google Meet* e a plataforma do Google Sala de Aula. Utilizamos para organização das turmas e disponibilização dos materiais didáticos utilizados: vídeos, mapas mentais, ficha de exercícios e resumos de conteúdo.

Durante o período de aulas remotas, havia turmas com 50 alunos. Observou-se que o número de estudantes que apareciam nas aulas online era baixíssimo: um ou dois, no máximo e em algumas turmas, o número de presentes nas aulas remotas, chegou a seis. Haveria algum fenômeno que colaborasse para essa ausência, nas aulas, mesmo que fossem virtuais? Esta pergunta pode soar descabida, ou pernóstica para algumas pessoas, ao mesmo tempo em que será normalizada para uma parcela da população, uma vez que existe um pensamento elitista e burguês da meritocracia. Acrescente-se a isto a participação da pandemia de Covid-19, que obrigou a adoção do ensino remoto e esta técnica de ensino desnudou a existência de vários brasis. Para as escolas de rede privada, que já usavam esse sistema de aula via computador, foi só mais uma justificativa para ratificar a técnica de aula virtual. Mas as coisas não se configuram do mesmo modo para todos os estudantes brasileiros, aparecendo mais acentuadamente, na pandemia de Covid-19. Como disse Paola Adamo Idoeta (2020)

... A pandemia do coronavírus acentuou as desigualdades na educação e tornou mais comuns, pelo Brasil inteiro, as dificuldades de conectividade... Enquanto redes e alunos com mais estrutura avançaram (mesmo que com percalços) no ensino remoto, uma parcela dos alunos e de locais mais carentes não conseguiu se manter conectada e foi perdendo tanto conteúdo quanto entusiasmo pelos estudos. (IDOETA, 2020, n.p).

Passado mais de um ano, isto é, em 03 de novembro de 2021, essa mesma autora apresenta outro estudo no qual ela mostra que

Metade dos alunos matriculados em escolas públicas do país continuam sem ter um computador com conexão à internet para poder estudar, passado cerca de um ano e meio desde o início da pandemia...

Aluno dividia celular com dois irmãos: 51% na rede pública ainda não têm acesso a computador com internet (IDOETA, 2021, n.p).

E esta situação de crise, de ausência de acesso às aulas remotas também passa pela falta de celulares e computadores que cheguem às classes sociais menos favorecidas economicamente. Mesmo que houvesse uma Lei, proposta por um deputado da oposição ao governo atual, e que contava com a aprovação da relatoria de uma deputada simpatizante do neoliberalismo, na qual “previa que a medida beneficiaria 18 milhões de estudantes e 1,5 milhão de docente” (AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIAS, 2021, n.p). Portanto, não é de estranhar a pouca adesão às aulas remotas durante no PREV-UPE.

Entretanto, essa crise na educação brasileira não é causada por uma entidade anônima. Ela tem o nome do responsável e seu endereço é sabido. Afinal de contas, o senhor das mortes, reais e simbólicas, dos cortes intencionais e da obsolescência escolar é o presidente Jair Bolsonaro que

...vetou integralmente o projeto de lei da Câmara dos Deputados que previa ajuda financeira de R\$ 3,5 bilhões da União para estados, Distrito Federal e municípios garantirem acesso à internet para alunos e professores das redes públicas de ensino em decorrência da pandemia. (AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIAS, 2021, n.p)

A justificativa presidencial, para o veto, é que não havia clareza suficiente em relação à fonte de recursos e, ainda mais, que a liberação desse recurso colocava em risco o cumprimento da Lei de Responsabilidade Fiscal. Enquanto isso, as denúncias sobre a existência de “orçamento secreto” chegavam às barras do Tribunal de Conta da União e ao Supremo Tribunal Federal, assim como chegavam às manchetes da imprensa que acabou divulgando os abusos de poder e a compra de votos para aprovação de Propostas de Emenda Constitucional (PEC) que fossem de interesse do governo federal, conforme noticiado pelo jornal Estado de Minas, em matéria do dia 05 de novembro de 2021, a qual dizia que

Segundo o Estadão, valor oferecido por interlocutores do Palácio do Planalto pelo voto de

cada parlamentar na PEC dos precatórios foi de até R\$ 15 milhões. (ESTADO DE MINAS, 2021, n.p).

Enquanto isso, a ajuda de 1,5 milhões, para informatizar escolas e dar acesso à internet, a estudantes e professores da escola pública, fora vetada, na íntegra, por uma alegação descabida e falseada. Fora esse corte na Educação, houve relatos de dificuldades em utilizar as plataformas de ensino devido a problemas de conectividade à rede mundial de computadores, em suas residências, pois muitas vezes era uma internet de base comunitária. E estes resultados observados foram elencados, também, por Eronildes Feitosa e Pedro Pio Fontineles Filho (2021), os quais, em seu estudo sobre o impacto da Covid-19 e o ensino de História, constataram que

No tocante à educação formal, entre suspensão de aulas e fechamento de escolas, houve a saída emergencial do ensino remoto ou híbrido, o que desnudou a realidade de desigualdades de acesso e de permanência nas aulas, visto que aspectos foram expostos, como conexão com internet, posse de aparelhos (celulares, tablets, computadores), alimentação na escola (para muitos discentes a merenda escolar era/é a única refeição ou complemento). Mesmo diante disso, bem como inúmeros outros problemas, escolas, professores, alunos e famílias tiveram que se adaptar aos meios digitais. (FEITOSA; FONTINELES FILHO, 2021, p.536).

Ainda e conforme foi previsto no Edital do PREV-UPE (UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO, 2021) e seguindo os protocolos de biossegurança contra a Covid-19, a partir de meados do mês de novembro de 2021, adotou-se o modelo presencial, entretanto em sua forma híbrida, na qual metade da turma assiste aula presencial, enquanto a outra metade assiste aula remota, usando o computador, mas também havia um rodízio dessas presenças. Mesmo assim era preciso observar a distância mínima estipulada para a disposição das carteiras na sala de aula, que era de um metro. Mas, pelo dito anteriormente, é possível induzir a baixíssima presença nessas aulas virtuais. Ou seja, dá para deduzir que o absentéismo ocorria em círculo, alternadamente. Em 11

de novembro de 2021, o Secretário Estadual de Educação de Pernambuco, anunciava o fim desse rodízio, quando as escolas adotariam o modelo presencial em 100% de sua capacidade em suas salas de aula e sem a necessidade de distanciamento sanitário entre as carteiras. (AZEVEDO, 2021).

O momento de encontrar pessoalmente foi algo como uma música de Chico Buarque que diz assim

*E foram tantos beijos loucos*

*Tantos gritos roucos*

*Como não se ouvia mais*

*E o mundo compreendeu*

*E o dia amanheceu*

*Em paz*

Mas esta é outra história que merece ser contada à parte. E como última reflexão, trago um fragmento da escrita de Boaventura de Sousa Santos

Desde a década de 1980— à medida que o neoliberalismo se foi impondo como a versão dominante do capitalismo e este se foi sujeitando mais e mais à lógica do sector financeiro—, o mundo tem vivido em permanente estado de crise.

Com isto, pergunto “SABE LÁ O QUE É NÃO TER E TER QUE TER PRÁ DAR?”.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita de um Trabalho de Conclusão de Curso é um parto muito doloroso. A gestação desse filho começa desde quando a gente passa no ENEM. Aí, chegam as aulas das mais variadas disciplinas e, no fim, vem a exigência de elaboração de um trabalho que seja o último requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciado em História. Se, para algumas pessoas, o ato de escrever já é algo dificultoso, imagine o que é elaborar um texto que dê conta das exigências normativas do TCC da graduação em História da UFRPE, que em seu Artigo 3º, estabelece que as pesquisas, empíricas ou de natureza bibliográfica, versem sobre temas e objetos concernentes ao ensino e à pesquisa do Ensino de História ou tenham estreita relação com o mundo das práticas do

Ensino de História. E foi pensando em atender essas exigências legais que se escolheu falar da relação com o ensino, desde a infância. E, dando uma virada historiográfica, se escolheu falar, um pouco, sobre as práticas de ensino de História nos tempos da Covid-19, a fim de mostrar os percalços e as pedras no caminho de quem quis estudar durante esse período pandêmico, enfrentando os reveses culturais, sociais, econômicos e políticos, e se preparar para as provas do ENEM.

Diante do que eu vi, ouvi e passei, durante as aulas no curso PREV-UPE, concluo este trabalho questionando “SABE LÁ O QUE É NÃO TER E TER QUE TER PRÁ DAR?”.

#### 4 REFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli Eliza D.A de. *Etnografia da prática escolar*. 6ª Ed. Campinas/ São Paulo: Papyrus, 2001.

AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIAS. Bolsonaro veta ajuda financeira para internet de alunos e professores das escolas públicas. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/737836-bolsonaro-veta-ajuda-financeira-para-internet-de-alunos-e-professores-das-escolas-publicas>. Data de acesso: 08 de dezembro de 2021.

ARAÚJO, José Carlos Souza. Para uma análise das Representações sobre as Técnicas de Ensino. In: *Técnicas de ensino: por que não?* VEIGA, Ilma P. Castro (Org). Campinas/São Paulo Papyrus, 2001, p. 11-34.

AZEVEDO, Margarida. Governo de Pernambuco libera escolas para funcionarem sem distanciamento mínimo nas salas de aula. *Jornal do Commercio on line. Coluna ENEM e Educação*. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/colunas/enem-e-educacao/2021/11/13625018-governo-de-pernambuco-libera-escolas-para-funcionarem-sem-distanciamento-minimo-de-estudantes-nas-salas-de-aula.html>. Data de acesso: 11 de dezembro de 2021.

BBC NEWS/BRASIL. Relembre frases de Bolsonaro sobre a covid-19. Publicado em: 7 julho 2020 Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53327880>. Data de acesso: 10 de novembro de 2021.

BARRETO, Clara. Ministério da Saúde confirma primeira morte por coronavírus no Brasil. *Portal PEBMED*. Disponível em: <https://pebmed.com.br/ministerio-da-saude-confirma-primeira-morte-por-coronavirus-no-brasil/>. Data de acesso: 03 de dezembro de 2021.

BATISTA, Ricardo dos Santos. Covid-19 e a história pública: uma reflexão sobre o ofício do historiador. *Sobre a pandemia: experiências, tempos & reflexões*. São Paulo: Hucitec, 2021, p.194-210.

BEZERRA, Rozélia. Querido Paulo Freire, apesar de tudo, estou bem. In: MOTA, André (Org.). *Sobre a pandemia: experiências, tempos & reflexões*. São Paulo: Hucitec, 2021, p.330-344.

CACHOPO, João Pedro. A pandemia e o acontecimento em dois tempos. *Suplemento Pernambuco*, n. 190, dezembro, Recife: CEPE, 2021, p.8-9.

CIEVS. Confirmado primeiro caso suspeito de Coronavírus em Pernambuco. Disponível em: <https://portaldeprefeitura.com.br/2020/02/25/confirmado-primeiro-caso-suspeito-de-coronavirus-em-pernambuco/>. Data de acesso: 30 de junho de 2020.

CONSÓRCIO NORDESTE. Ações de Combate à pandemia. Disponível em: <http://www.consorcionordeste-ne.com.br/compras-conjuntas-combate-a-pandemia/>. Data de acesso: 08 de dezembro de 2021.

CONZO JÚNIOR, Humberto. Marluce. In: *Retratos da Vida em quarentena*. Guimarães, Ana Clara de Britto et al. São Paulo: Elefante, Dublinense, 2020.

DIAS, Erika; Fátima Cunha Ferreira Pinto. A educação e a Covid-19. *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v.28, n.108, p. 545-554, jul./set. 2020.

DUARTE, Pedro. *A pandemia e o exílio do mundo*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

EDITAL PREVEUPE. Edital do Processo Seletivo do Pré-Vestibular da Universidade de Pernambuco - Prevupe/2021. Disponível em: [http://www.upenet.com.br/concursos/21\\_PREVUPE/prevupe\\_21.html](http://www.upenet.com.br/concursos/21_PREVUPE/prevupe_21.html). Data de acesso: 05 de setembro de 2021.

ESTADO DE MINAS. Bolsonaro liberou orçamento secreto de R\$ 1,2 bi às vésperas de votação. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/11/05/interna\\_politica,1320185/bolsonaro-liberou-orcamento-secreto-de-r-1-2-bi-as-vesperas-de-votacao.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/11/05/interna_politica,1320185/bolsonaro-liberou-orcamento-secreto-de-r-1-2-bi-as-vesperas-de-votacao.shtml). Data de acesso: 08 de dezembro de 2021.

FEITOSA, Eronildes; FONTINELES FILHO, Pedro Pio. Entre *Clio e Pandora*: ensinar/aprender história com o uso de charges sobre a Covid-19 *Contraponto* - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI. Teresina, v. 10, n. 1, jan./jun. 2021, p. 536-554.

G1. Governo do RJ confirma a primeira morte por coronavírus. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/03/19/rj-confirma-a-primeira-morte-por-coronavirus.ghtml>. Data de acesso: 02 de dezembro de 2021.

IDOETA, Paula Adamo. 'Sem wi-fi': pandemia cria novo símbolo de desigualdade na educação. *BBC NEWS. BRASIL*. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54380828>. Data de acesso: 09 de dezembro de 2021.

INSTITUTO TRICONTINENTAL DE PESQUISA SOCIAL. O Coronachoque e a educação brasileira: um ano e meio depois. *Dossiê 43*, s.l, 2021.

MORAIS, Régis. *Sala de aula: que espaço é esse?* 12ª Ed. São Paulo: Papirus, 1999.

OLIVA, Gabriela. 251 mil mortes por covid: Relembre as falas de Bolsonaro sobre a pandemia Em menos de um ano de pandemia Poder360 selecionou 10 frases. 26 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/1-ano-de-covid-no-brasil/251-mil-mortes-por-covid-relembra-1> [[p=87-as-falas-de-bolsonaro-sobre-a-pandemia/](#)]. Data de acesso: 10 de novembro de 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Cruel Pedagogia do Vírus*. Coimbra: Almedina, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. O futuro começa agora. Da Pandemia à utopia. São Paulo: Boitempo, 2021.

SENADO FEDERAL. *Comissão Parlamentar de Inquérito. Relatório Final*. Brasília, 2021. Disponível em:

[file:///C:/Users/User1/Downloads/Relatorio\\_Final%2026102021%2012h40.pdf](file:///C:/Users/User1/Downloads/Relatorio_Final%2026102021%2012h40.pdf). Data de acesso: 05 de dezembro de 2021.

UNESCO. *A Comissão Futuros da Educação da Unesco apela ao planejamento antecipado contra o aumento das desigualdades após a COVID-19*. Paris: Unesco, 16 abr. 2020. Disponível em: <https://pt.unesco.org/news/comissao-futuros-da-educacao-da-unesco-apela-ao-planejamento-antecipado-o-aumento-das>. Data de acesso: 09 de dezembro de 2021.

UPE. *Abertas as inscrições para o Prevupe 2021: são 10,2 mil vagas para 43 municípios*. Disponível em: <http://www.upe.br/noticias/abertas-as-inscri%C3%A7%C3%B5es-para-o-prevupe-2021-s%C3%A3o-10,2-mil-vagas-para-43-munic%C3%ADpios.html>.

VERÍSSIMO, Isabela. *Carnaval 2020 em Olinda atrai 3,6 milhões de foliões, diz prefeitura*. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/paranagu%C3%A1/carnaval/2020/02/27/carnaval-2020-em-olinda-atrai-36-milhoes-de-folhoes.ghtml>. Data de acesso: 03 de dezembro de 2021.

Anexo 1 : Normas da Revista Mosaico – Revista de História, PUC Goiânia/GO.

Disponível

em:

<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/about/submissions#authorGuidelines>.

Data de acesso: 05 de dezembro de 2021.

#### Diretrizes para Autores

A Revista Mosaico recebe em fluxo contínuo propostas de dossiês, artigos livres, ensaios teóricos e bibliográficos, memórias de pesquisas, entrevistas, resenhas e resumos de teses e dissertações.

- Ao realizar a submissão do texto, o(a) autor(a) deverá escolher também a seção correspondente, à qual quer remeter o mesmo (dossiê, artigos livres, resenha etc.).
- Quanto à SELEÇÃO DO TEXTO, o(a) autor(a) será comunicado(a) do recebimento de sua colaboração logo após o registro da submissão no sistema. Os trabalhos recebidos serão apreciados inicialmente pelo(a) editor(a)-gerente e/ou editor(as) adjuntos(as) designados(as). Se não corresponderem ao escopo e às Diretrizes (acima), serão rejeitados e arquivados. Se estiverem dentro do escopo e das diretrizes do periódico, serão encaminhados à avaliação de dois ou mais membros do Conselho Consultivo ou pareceristas *ad hoc* que constam no cadastro do sistema, com reconhecida competência na área de conhecimento, com garantia de sigilo e anonimato tanto da autoria quanto do(a) parecerista (avaliação às cegas). O prazo mínimo de execução desse processo é de 4 meses, podendo se estender de acordo com a disponibilidade dos pareceristas.
- O envio de qualquer colaboração implica automaticamente a cessão integral dos direitos autorais à MOSAICO. Todo material destinado à publicação, já aprovado, não mais poderá ser retirado pelo(a) autor(a) sem a prévia autorização do Conselho Editorial ou do(a) editor(a) gerente.
- Os trabalhos publicados são de propriedade de seus autores(as). Caso sejam encaminhados para publicação em outros meios de divulgação deverão fazer constar a edição original, ou seja, a legenda da revista MOSAICO em que o texto foi publicado.
- **Não será publicada mais de uma contribuição por autor(a) por ano.** Autores(as) devem ser, no mínimo, mestrandos(as), sendo que graduados(as) devem buscar a coautoria de mestres(as) e doutores(as), preferencialmente de seus orientadores(as). A coautoria é permitida, desde que atestem, caso solicitados(as), sua contribuição específica.
- Os textos podem ser escritos em português, espanhol e inglês. As traduções serão sempre de outra língua para o português. Antes de submeter o texto, os(as) autores(as) deverão fazer uma rigorosa revisão do mesmo.
- Excepcionalmente poderão ser publicados artigos e outros textos de autores(as), editados anteriormente em livros e periódicos que tenham circulação restrita no Brasil, desde que autorizados.

■ Serão rejeitados e arquivados textos que não estiverem de acordo com as DIRETRIZES DE ESCRITA, nas quais devem ser observados os seguintes critérios:

a) Artigos e ensaios teóricos e bibliográficos: até 25 páginas, incluindo a bibliografia. Memórias de pesquisa até 15 páginas. Resenhas até 10 páginas. Todo artigo deve apresentar título em português e inglês, resumo e abstract com 150 palavras no máximo, bem como cinco palavras-chave e keywords, com fonte 10 e espaçamento simples.

b) Espaço entre linhas 1,5; recuo de parágrafo 1,25; fonte Times New Roman, em tamanho 12 para o corpo principal do texto e 10 para notas de rodapé, que também devem ter espaçamento simples.

c) Citações diretas que excederem duas linhas devem ser posicionadas em um parágrafo específico, em espaço simples, com recuo de parágrafo em 6,0 pts, fonte Times New Roman, tamanho 11. Separado dos parágrafos anteriores e posteriores por uma linha.

d) Títulos de obras devem constar em itálico;

e) As notas de rodapé devem ser prioritariamente informativas, evitar usá-las para indicar referências bibliográficas;

f) O título do artigo deve estar alinhado à esquerda, em Caixa alta sem negrito ou itálico, em fonte Times New Roman, tamanho 16 e não devem ultrapassar três linhas; O título em inglês deve vir entre o resumo e o abstract em fonte 12, também justificado à esquerda.

g) Os entretítulos devem vir em Caixa alta, sem negrito nem itálico, também justificados à esquerda, em fonte Times New Roman, tamanho 12 e não devem ultrapassar uma linha;

h) Utilize a palavra Referências para indicar as referências bibliográficas, que devem seguir o padrão norte-americano: (AUTOR/Data/Página), não usar idem/ibidem;

i) Quanto à bibliografia, são os seguintes os padrões:

- Para livros, o padrão é: Nome do Autor(es). Título da obra em itálico, sendo postas em caixa-alta as letras iniciais das palavras dispostas antes dos dois pontos, quando houver, e as demais todas em caixa-baixa. Ex: ROCHE, Daniel. *História das Coisas Banais: nascimento do consumo do séc. XVII ao XIX*. Rio de Janeiro, Rocco, 2000;

- Para capítulos de livro: Nome do Autor(es). Título da obra entre aspas seguido da indicação do nome do organizador do livro e do livro (este em itálico). Cidade da publicação, editora e ano de edição. Ex: FREIRE-MEDEIROS, Bianca. "A miséria de uns é a aventura de outros: pobreza turística e consumo de experiências". In: FARIAS, Edson (org.): *Práticas Culturais nos Fluxos e Redes da Sociedade de Consumidores*. Brasília (DF): Verbis, 2010.

- Para artigos em periódicos: Nome do Autor(es). Título da obra. Nome do periódico (em itálico), número e vol da revista, período e data de edição. Ex: MIRA, Maria

Celeste. “Sociabilidade juvenil e práticas culturais tradicionais na cidade de São Paulo”. *Sociedade e Estado*, vol. 24 n.2 – maio/agosto, 2009.

### Condições para submissão

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

1. Declaramos que este texto enviado para avaliação é de nossa própria autoria e que não foi retirado de outros trabalhos. Dados pesquisados em fontes diversas são citados mediante nota bibliográfica ou explicativa, corretamente relacionados numa lista de títulos ao final do texto. Compreendemos que o plágio acadêmico é delito grave e que a Universidade tem meios legais para lidar com tal situação. Diante disso, estamos cientes de que nosso texto será submetido a um detector de plágio, após ser aceito pelo Editor da Revista.
2. O arquivo da submissão está em formato Microsoft Word, OpenOffice, RTF ou WordPerfect.
3. URLs para as referências foram informadas quando possível.
4. O texto está em espaço 1,5; usa uma fonte de 12-pontos; emprega itálico em vez de sublinhado (exceto em endereços URL); as figuras e tabelas estão inseridas no texto, não no final do documento na forma de anexos.
5. O texto segue os padrões de estilo e requisitos bibliográficos descritos em Diretrizes para Autores, na página Sobre a Revista.
6. Em caso de submissão a uma seção com avaliação pelos pares (ex.: artigos), as instruções disponíveis em Assegurando a avaliação pelos pares cega foram seguidas.
7. As menções aos autores foram retiradas do arquivo submetido para garantir a avaliação por pares.

### Declaração de Direito Autoral

#### Proposta de Política para Periódicos de Acesso Livre

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

Autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria e publicação inicial nesta revista.

Autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não-exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.

Autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou

durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado (Veja O Efeito do Acesso Livre).

#### Política de Privacidade

Os nomes e endereços informados nesta revista serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou à terceiros.

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons - Atribuição Sem Derivações 4.0 CC BY-NC-ND

MOSAICO | Programa de Pós-Graduação em História | Pontifícia Universidade Católica de Goiás | e-ISSN 1983-7801 | Qualis CAPES Preliminar 2019 = A